

Brasil lembra centenário de escritora que definiu favela como quarto de despejo

(Agência Brasil, 14/03/2014) “Eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos.” A metáfora é forte e só poderia ser construída dessa forma, em primeira pessoa, por alguém que viveu essa condição. Relatos como este foram descobertos no final da década de 1950 nos diários da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Moradora da favela do Canindé, zona norte de São Paulo, ela trabalhava como catadora e registrava o cotidiano da comunidade em cadernos que encontrava no lixo. O centenário de nascimento de uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil é comemorado hoje (14).

Nascida em Sacramento (MG), Carolina mudou-se para a capital paulista em 1947, momento em que surgiam as primeiras favelas na cidade. Apesar do pouco estudo, tendo cursado apenas as séries iniciais do primário, ela reunia em casa mais de 20 cadernos com testemunhos sobre o cotidiano da favela, um dos quais deu origem ao livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, publicado em 1960. Após o lançamento, seguiram-se três edições, com um total de 100 mil exemplares vendidos, tradução para 13 idiomas e vendas em mais de 40 países.



Foto: Autora de Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, a escritora negra Carolina Maria de Jesus nascia há 100 anos Audálio Dantas

“É um documento [sobre o] que um sociólogo poderia fazer estudos profundos, interpretar, mas não teria condição de ir ao cerne do problema e ela teve, porque vivia a questão”, avalia Audálio Dantas, jornalista que descobriu a escritora em 1958. O encontro ocorreu quando o jornalista estava na comunidade para fazer uma reportagem sobre a favela do Canindé. “Pode-se dizer que essa foi a primeira [favela] que se aproximou do centro da cidade e isso constituía o fato novo”, lembrou. Ele conta que Carolina vivia procurando alguém para mostrar o seu trabalho.

Uma mulher briguenta que ameaçava os vizinhos com a promessa de registrar as discórdias em um livro. É assim que Audálio recorda Carolina nos primeiros encontros. “Qualquer coisa ela dizia: ‘Estou escrevendo um livro e vou colocar vocês lá’. Isso lhe dava autoridade”, relatou. Ao ser convidado por ela para conhecer os cadernos, o jornalista se deparou com descrições de um cotidiano que ele não conseguiria reportar em sua escrita. “Achei que devia parar com a minha pesquisa, porque tinha quem contasse melhor do que eu. Ela tinha uma força, dava pra perceber na leitura de dez linhas, uma força descritiva, um talento incomum”, declarou.

Apesar de os cadernos conterem contos, poesias e romances, Audálio se deteve apenas em um diário, iniciado em 1955. Parte do material foi

publicado em 1958, primeiramente, em uma edição do grupo Folha de S.Paulo e, no ano seguinte, na revista O Cruzeiro, inclusive com versão em espanhol. “Houve grande repercussão. A ideia do livro coincidiu com o interesse da Editora Francisco Alves”, relatou. O material, editado por Audálio, não precisou de correção. “Selecionei os trechos mais significativos. [O texto] foi mantido na sintaxe dela, na ortografia dela, tudo original”, apontou.

Entre descrições comuns do cotidiano, como acordar, buscar água, fazer o café, Audálio encontrou narrativas fortes que desvendavam a vida de uma mulher negra da periferia. “Ela conta que tinha um lixão perto da favela, onde ela ia catar coisas. Lá, ela soube que um menino, chamado Dinho, tinha encontrado um pedaço de carne estragada, comeu e morreu. Ela conta essa história sem comentário, praticamente. Isso tem uma força extraordinária”, exemplificou.

Para Carolina, a vida tinha cores, mas, normalmente, essa não é uma referência positiva. A fome, por exemplo, é amarela. Em um trecho do primeiro livro, a autora discorre sobre o momento em que passa fome. “Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.” Para Audálio, o depoimento ganha ainda mais importância por ser real. “Um escritor pode ficcionar isso, mas ela estava sentindo”, disse.

Audálio relata que Carolina tinha muita confiança no próprio talento e já se considerava uma escritora, mesmo antes da publicação. “Quando o livro saiu, a alegria dela foi muito grande, mas era uma coisa esperada”, relatou. O sucesso da primeira publicação, no entanto, não se repetiu nos outros títulos. Após o sucesso de Quarto de Despejo, a Editora Francisco Alves encomendou mais uma obra, a partir dos diários escritos por ela quando já morava no bairro Alto de Santana, região de classe média. Surgiu então o Casa de Alvenaria (1961) que, segundo o jornalista Audálio Dantas, responsável pela edição do material, vendeu apenas 10 mil exemplares.

Audálio lembra que Carolina se considerava uma artista e tinha pretensões de enveredar por diferentes ramos artísticos. Um deles foi a música. Em

1961, ela lançou um disco com o mesmo título de seu primeiro livro. A escritora interpreta 12 canções de sua autoria, entre elas O Pobre e o Rico. “Rico faz guerra, pobre não sabe por que. Pobre vai na guerra, tem que morrer. Pobre só pensa no arroz e no feijão. Pobre não envolve nos negócios da nação”, diz um trecho da canção.

Para o jornalista, a escritora foi consumida como um produto que despertava curiosidade, especialmente da classe média. “Costumo dizer que ela foi um objeto de consumo. Uma negra, favelada, semianalfabeta e que muita gente achava que era impossível que alguém daquela condição escrevesse aquele livro”, avaliou. Essa desconfiança, segundo Audálio, fez com que muitos críticos considerassem a obra uma fraude, cujo texto teria sido escrito por ele. “A discussão era que ela não era capaz ou, se escreveu, aquilo não era literatura”, recordou.

Carolina de Jesus publicou ainda o romance Pedacos de Fome e o livro Provérbios, ambos em 1963. De acordo com Audálio, todos esses títulos foram custeados por ela e não tiveram vendas significativas. Após a morte da escritora, em 1977, foram publicados o Diário de Bitita, com recordações da infância e da juventude; Um Brasil para Brasileiros (1982); Meu Estranho Diário; e Antologia Pessoal (1996).

Acesse o PDF: [Brasil lembra centenário de escritora que definiu favela como quarto de despejo \(Agência Brasil - 14/03/2014\)](#)

[Acesse o site de origem](#)

Literatura: ausência de negras revela forma distorcida de representar sociedade

(Agência Brasil) Passados mais de 50 anos da publicação do primeiro livro da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), a presença da mulher negra na literatura, seja como autora ou como personagem, ainda é pequena e mostra uma homogeneidade racial que não corresponde à realidade da sociedade brasileira.

A pesquisadora Andressa Marques, mestra em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), contabiliza apenas seis romancistas negras contemporâneas. Uma pesquisa da mesma universidade, coordenada pela professora Regina Dalcastagnè, com base na análise de 258 livros publicados no período de 1990 a 2004, registra a presença de 79,8% de personagens brancas entre os de maior importância.

O Censo Demográfico 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) aponta que pouco mais de 50% da população do país se declarou parda ou negra.

“À mulher negra se espera que ela faça muita coisa: cozinhe, dance, cuide de uma casa. Há todo um processo histórico que colocou essa mulher em determinadas posições. Não se acredita muito na competência dela para escrever”, avalia a escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Para Andressa Marques, essa ausência tem um impacto importante na formação da sociedade brasileira, pois a literatura, ao dar voz apenas a determinados segmentos, constrói uma forma distorcida das representações sociais. “O sistema educacional, por exemplo, vai recorrer à literatura como um aporte de formação cidadã. Ao passo que a gente não se vê representado nessa literatura, corremos o risco de ter uma representação uníssona da sociedade. É como se a gente estivesse em um país que fosse totalmente

homogêneo”, declarou.

Nesse sentido, Conceição acredita que esta é uma das principais contribuições de Carolina à literatura brasileira. “É a possibilidade ou a necessidade de ter vozes mais diferenciadas no sistema literário brasileiro”, apontou.

Para ela, não há dúvida de que a produção de Carolina tenha valor literário. “Ela marca essa possibilidade de grupos trabalharem com a língua portuguesa conforme a sua própria competência. A literatura brasileira é essa possibilidade de pessoas de diversos estratos sociais utilizarem a língua de acordo com a sua experiência”, destacou.

Inspirada pela obra de Carolina de Jesus, Conceição Evaristo é uma das romancistas negras de maior destaque no campo literário brasileiro atual. Autora de livros como Ponciá Vicêncio e Becos da Memória, ela conta que o primeiro contato com o texto de Carolina revelou um sentimento de aproximação de realidades. “Naquele momento, eu também morava em uma grande favela de Belo Horizonte. Minha família toda se interessou. A gente lia como se fosse também personagem daquele diário e isso nos marcou muito”, relembra.

A influência na família foi tanta que a mãe de Conceição passou a escrever um diário depois de conhecer a obra de Carolina. “Ela escreve muito marcada por saber que outra mulher, igual a ela, favelada, tinha feito um diário”, conta. A autora guarda esse testemunho como um objeto de recordação familiar, mas a produção dela também é alimentada por esse registro, como ocorre em Becos da Memória.

Conceição lembra que havia um ambiente social receptivo à produção de Carolina. “O que ela estava dizendo, era aquilo que nós [dos movimentos populares] também de certa forma falávamos. Nós éramos a Carolina”, relata ela, que era atuante no movimento operário e trabalhou como doméstica quando estudava. “Ao simbolizar a voz do povo, ela trazia para a classe média, para os intelectuais, para a militância católica, a voz do povo que esses grupos queriam, pretensamente, ouvir”, avaliou.

Para a professora, o mesmo ambiente que tornou a palavra de Carolina necessária o deixou cair no esquecimento. “Ela não era aquela que falava da luta de classe, ela falava de uma forma muito particular, a partir da experiência. Não era um discurso que criticava, por exemplo, as estruturas econômicas. Tem um texto que diz que em um ano ela foi tudo e no outro ano ela foi carta fora do baralho”, apontou.

Conceição avalia que a absorção do discurso de Carolina era uma forma também de a classe média, a intelectualidade e a classe política expurgarem uma culpa latente pela existência dessa condição miserável ao qual muitos estavam sujeitos.

Acesse o PDF: [Literatura: ausência de negras revela forma distorcida de representar sociedade \(Agência Brasil - 14/03/2014\)](#)

[Acesse o site de origem](#)